

20-10-2022

A força que mora n'água não faz distinção de cor

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Outubro é um mês muito festivo para mim. É o mês que se comemora o dia Mundial dos Cuidados Paliativos - no 2º sábado -; do fisioterapeuta - 13 de outubro -; e nesse mesmo dia é o aniversário do meu querido irmão mais velho, irmão-pai que ajudou nossa mãe a nos criar (os três irmãos menores) na ausência de um pai vivo!

Outubro é emblemático, performático e libertador para mim...

Minha primeira infância foi no centro do Rio de Janeiro.

Em tenra idade, entre 5 e 6 anos, morei no Morro da Providência, tenho lembranças claras dos becos e vielas da primeira favela do Brasil. Lembro que morávamos num quarto, em que o acesso se dava através de uma pinguela de madeira e que imediatamente embaixo era um despenhadeiro onde corria um esgoto ininterrupto sobre uma pedra escorregadia. O louco e o incrível é que ninguém, graças ao Além, escorregou dali e teve sua vida lançada ao léu, morro a baixo.

O nosso maior medo estava relacionado ao nosso pai, vez por outra, ele passava por essa mesma pinguela depois de umas e outras nas ideias! Era incrível, ele nunca caiu! Foi na Providência que decidi pela área da saúde... e olha que eu nem estudava ainda. Mas, vou narrar o fato que fez com que eu optasse por ser um profissional do cuidado.

Certo dia, eu menino curioso, estava na casa do Didiu - casa num sentido genérico -, era um barraco todo feito de madeira e coberto com telhas de zinco, mas era dividido em cômodos: sala, quartos, banheiro e cozinha, e era fincado numa pedra enorme que através das janelas se via também um despenhadeiro. Aquele barraco me chamava muita atenção em relação aos limites impostos à engenharia cartesiana.

Didiu era parceiraço do meu pai, ambos labutavam na "estiva", ou seja, eram estivadores no Porto do Rio. Nós estávamos na varanda e ele estava almoçando, segurava um prato improvisado em uma das mãos (era uma lata de goiabada) e com a outra o garfo.

Ele comia de uma forma despretensiosa e saboreava muito bem a comida, de repente começo a observar que à medida que ele mastigava o alimento os músculos de suas têmporas se moviam... Essa cena foi enigmática para mim, achei extremamente fantástico aquela conjunção de movimentos, sem saber o que realmente explicava aquilo. Hoje como fisioterapeuta isso é muito claro para mim.

Obrigado Didiu, você me estimulou com o seu gestual, mas é bem isso, os nossos mais velhos, ensinam aos seus mais novos, com gestos, danças, performance e tradição oral.

Eu e minha família descemos da Providência e fomos morar num cortiço na praça do Santo Cristo, foi nessa praça que aprendi a andar de bicicleta, presente suado da minha inesquecível mãe. Nesse cortiço vivi, ou melhor, vivemos as maiores emoções possíveis e inimagináveis, desde a experiência de conviver com uma multifacetada e rotativa população de moradores, a furto, brigas, fofocas, invasão de ratos, ajuda mútua, confusão na fila do banheiro que era apenas um, até comemorações mútuas e fraternas de aniversários, natais etc.

Desde lá que aprendi a dividir, a acolher e ser feliz com o diferente. Em Santo Cristo tem até hoje um dos blocos mais antigos da região, o G.R.B.C. Fala Meu Louro. Nesse bloco nós desfilávamos e brincávamos para amenizar as dores da realidade dura impostas aos pretos pobres - essa é umas das funções do samba -, me lembro do meu pai na bateria e claramente do ano que minha mãe me fantasiou de índio para desfilar... Em 1978, o bloco completou 40 anos, eu tinha apenas seis, mas o samba de 78 ficou amalgamado na minha alma, o refrão dizia assim:

...40 anos que não são 40 dias, vem da sua fantasia um jeito novo de viverrrr, e a resposta está dando na avenida, num maior show da vida para quem quiser ver, o louro é o louro, tem que vencer, por isso eu sou o louro meu benzinho até morrer, porque...

Em janeiro desse ano a agremiação completou 84 anos, no último setembro eu visitei a quadra, e fui invadido por uma cascata de emoções, lembrei daquele menino de seis anos correndo na quadra, das alas e das fantasias, do entra e sai de pessoas, das festas de São Cosme e Damião, dos doces, roupas e presentes distribuídos na quadra... Gamboa, Praça da Harmonia, Pedra do Sal (hoje caracterizada como um Quilombo Urbano), Saúde, Morro da Conceição, Santo Cristo, Morro do Pinto, Providência, região emblemática do ponto de vista do tráfico transatlântico, que nos legou um saldo desigual e desumano na construção desse país por suas mazelas de permanência secular. Essa região foi o palco da minha infância pobre e sem perspectiva de futuro. Sou filho e neto de estivadores, filho e neto das dificuldades encontradas pelo povo preto que foi abandonado a toda sorte após sua pseudo-libertação.

Meu avô nascera nos oitocentos do século retrasado, imaginem quanto sofrimento passamos até chegar aqui. Hoje quando eu uso a caneta é um ato de resistência, um ato de forte representatividade ancestral! Dou esse salto na história para dizer que precisamos de um país menos racista, menos desigual. Podemos ter e nutrir as nossas ideologias, não tem como existir sem ideologias, mas que elas, segundo Paulo Freire possam ser inclusivas. Só quem é preto sabe o que é ser preto na pele. Nós sabemos na carne que sangrou e sangra o que é a força destrutiva de uma ideologia exclusiva, a que vige hegemonicamente até os dias de hoje. Sabemos e sofreremos os resquícios do trauma colonial, perpetuado de gerações a gerações pelo fato de nos classificar como inferiores e subalternos, servindo tão somente para o trabalho escravo e desumanizante, e que continua nos adoecendo emocional e psiquicamente quando presenciamos a sua recrudescência na forma de ideologias exclusivistas e eugenistas.

Que possamos ter um outubro mais inclusivo, menos desigual, menos intolerante. Que a saúde possa ser mais inclusiva, que os Cuidados Paliativos possam ser mais efetivos e que todos possam ter acesso, sem distinção de cor. Que outubro possa ser decisivo para todos os brasileiros, que vença a democracia, a verdade, a bondade, que ninguém possa tirar o nosso direito a ter esperança num Brasil mais humano e igualitário.

E que a força que mora n'água possa banhar, lavar e renovar os espíritos trazendo um futuro melhor e que possamos ter realmente uma inclusão de cores, de vidas e de esperanças ...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.